

O Elogio a Péricles e Brasidas na obra de Tucídides:
Um estudo sobre as virtudes de dois líderes na Grécia Clássica

Letícia Schneider Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre/Brasil

Resumo: A presente pesquisa dedica-se a análise do elogio a dois personagens referidos na “História da Guerra do Peloponeso”, obra do general ateniense Tucídides. A Guerra do Peloponeso (431 a.C. a 404 a.C.) contrapôs Atenas e seu império a Esparta e suas cidades aliadas. O período retratado por Tucídides evidencia o auge da democracia ateniense e da valorização da igualdade entre os cidadãos. Entretanto, percebe-se que ainda está presente a prática de destacar o indivíduo que possui uma determinada gama de virtudes, evidenciadas na experiência do conflito. Este artigo analisa a exaltação ao líder ateniense Péricles e ao general espartano Brasidas, refletindo sobre os aspectos elogiados, realizando uma comparação entre estes e avaliando o significado destas características para a cultura grega desse momento.

Palavras-Chave: Grécia Clássica, Guerra do Peloponeso, Tucídides.

Abstract: This research is about the value of the virtues in “The History of Peloponnesus’s War”, which was written for the athenian Tucídides, and studied two characters that the author presents: Péricles, from Athena and the spartain Brasidas. During the Peloponnesus’s War the citizens from Athena fight with the spartains and was the longest war in the Ancien Greece. The authors in the Ancient Greek used to write about the bellicose events. This article wants to understand what were the mainly virtues in this period. For that we will choose this two characters and we will try to verify the means of this virtues for the ancient greek culture.

Keywords: Classical Greece, Peloponnesus’s War, Tucídides.

1. Reflexões sobre biografia e história na Antiguidade

O estudo sobre o elogio na obra de Tucídides conduz à necessidade de se realizar uma reflexão sobre a própria escrita da história e também sobre as motivações desta prática no período da Antiguidade. O desejo de registrar determinados feitos, sejam estes perpetrados por indivíduos ou coletividades, está, de um modo geral, vinculado ao elogio destes personagens e de suas ações. A partir da leitura das obras dos autores da Antiguidade Ocidental, é possível perceber o intuito de que estes acontecimentos relatados, considerados dignos de memória, servissem de modelos para gerações vindouras. Esta perspectiva é denominada por alguns autores como “história magistra”,¹ a história que oferece lições, a história “mestra da vida”. François Dosse, ao dedicar-se à questão da biografia, identifica, neste gênero de escrita, a idéia de transmitir determinados exemplos a serem seguidos pelos membros de uma comunidade específica no período da Antiguidade à época Moderna. Afirmo o autor que

“Pendant longtemps, de l’Antiquité à l’époque moderne, le genre biographique a eu pour fonction essentielle une fonction identificatoire. Il a servi de discours des certus, de modele moral édifiant pour éduquer et transmettre les valeurs dominantes aux d’historicité dans lequel le futur est le déjà-là des modeles existants qu’il s’agit de reproduire a l’infini.”²

Dessa forma, a biografia – que se diferenciava do gênero histórico já neste momento –, durante o período da Antiguidade, cumpriu um papel de apresentar uma

¹ Em seu artigo “O tempo desorientado: tempo e história como escrever a história da França?” Hartog aborda a questão do regime de historicidade, noção definida pelo autor como “uma formulação sábia da experiência do tempo que, em retorno, modela nossos modos de dizer e de viver nosso próprio tempo. HARTOG, François. O tempo desorientado tempo e história “como escrever a história da França?”. **Anos 90: Revista do programa de Pós-graduação em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, n.7, julho de 1997, p.7-28. “Um regime de historicidade abre e circunscreve um espaço de trabalho e de pensamento”. In: DOSSE, François. **Le pari biographique: écrire une vie**. Paris: Éditions la découverte, 2005, p.8. Neste texto, o autor argumenta que haveria uma mudança na compreensão da história a partir da Revolução Francesa, pois “a partir de então, não cabe mais ao passado esclarecer o futuro mas, ao contrário, cabe ao futuro esclarecer o passado”. In: Idem, p.9. Este novo regime de historicidade, assim, contrapõe-se à realidade encontrada na Idade Antiga na qual o passado estava relacionado ao futuro no sentido de algo a ser imitado ou não.

² Idem, p. 132. “Durante um longo tempo, da Antiguidade à época moderna, o gênero da biografia teve essencialmente uma função de identificação. Ele serviu para o discurso do que é certo, de modelo moral edificante, para educar e transmitir os valores dominantes historicamente, os quais, no futuro, serão destacados dos demais modelos existentes, reproduzindo-se ao infinito”. In: Idem, p. 132.

série de códigos e princípios valorizados num determinado momento por um determinado grupo. É claro que se deve ter cuidado ao atribuir a toda a população que compunha a Hélade, neste período, não apenas a mesma tendência a valorizar um certo número de características, mas também de decodificar da mesma forma as informações repassadas nos escritos dos autores antigos. É necessário, contudo, avaliar que, desde a Grécia Arcaica, de Homero até Heródoto e Tucídides, abarcando também as tragédias de Sófocles e Eurípedes³, há uma série de virtudes recorrentes nessas obras; aspectos referentes à noção de heroísmo, que será abordada ao longo desta pesquisa. A menção elogiosa a diferentes ações pode ser identificada nessas diversas obras, e parte-se do pressuposto de que estas exerciam influência sobre a cultura do homem grego antigo.

Todavia, é necessário questionar-se sobre a possibilidade da utilização da expressão “homem grego” para se referir aos diferentes indivíduos que viviam na Grécia no período contemplado no presente trabalho. É fundamental salientar que, no período em estudo, a Hélade era composta por diversas cidades-estado, diferentes entre si em aspectos como leis, instituições, formas de governo, etc. Em sua obra, “O homem grego”, Jean Pierre Vernant⁴ realiza uma discussão sobre a possibilidade de se delinear uma personagem unívoca que representasse a imagem do heleno clássico. O autor demonstra que, apesar de haver uma grande diversidade de cidades-estado, o que acarretaria na configuração de um personagem multifacetado, esta figura desempenharia certas atividades em comum, como o culto aos mesmos deuses, as práticas dos jogos olímpicos, a importância da guerra na sociedade, entre outros aspectos. Assim, Vernant afirma a existência de uma “singularidade grega”, a qual pode ser percebida ao realizar-se um exercício de comparação com outras civilizações. Ao abordar a questão desta singularidade, o autor afirma que

Torná-la clara equivale a adotar desde o primeiro momento um ponto de vista comparativo e, em confronto com outras culturas, a acentuar, para lá

³ Para um maior aprofundamento sobre esta questão sugerimos a leitura da Tese de Doutorado de Luiz Otávio Magalhães “O herói dissimulado: a narrativa tucidideana e as modalidades poéticas de apreensão das ações humanas”. Neste estudo o autor demonstra as continuidades de determinados elementos do código heróico, assim como de estrutura narrativa de apresentação dos personagens e eventos relatados, utilizando recursos poéticos, de Homero até Tucídides. MAGALHÃES, Luiz Otávio. **O herói dissimulado: a narrativa tucidideana e as modalidades políticas de apreensão das ações humanas**. Tese de Doutorado, USP, 2002.

⁴ VERNANT, Jean Pierre. **O homem grego**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

*dos aspetos comuns, as divergências, os desvios, as diferenças. Em primeiro lugar, diferenças em relação a nós, aos modos de agir, pensar e sentir que nos são tão familiares que nos parecem totalmente naturais (...). Diferenças que também existem em relação a homens de tempos diferentes do (...) antigo, de civilizações diferentes da civilização grega.*⁵

Na perspectiva defendida pelo autor, portanto, a multiplicidade de cidades-estado existente na Grécia Antiga não impede a presença de uma cultura mais ampla, cujos elementos se expressam no cotidiano desta população, possibilitando a constituição da categoria “homem grego”, aplicável aos indivíduos que habitavam a Hélade neste período. Seguindo tal linha de raciocínio, infere-se a possibilidade da existência de determinados elementos morais valorizados na cultura grega, que são transmitidos não apenas na tradição oral, mas também nos escritos ao longo dos séculos. A escrita na Antiguidade possuía uma funcionalidade: ser um instrumento de propagação de condutas e fatos exemplares, o que abarca, muitas vezes, o ato de elogiar.

*“É preciso, como gregos e romanos fizeram, discernir pela leitura da obra se o autor investigou as suas informações ou se distorceu os fatos a fim de elogiar alguém. Os antigos não produziram manuais de biografia, de Filosofia ou de História, mas obras que serviram ou para registrar suas experiências com a investigação dos fatos ou para abarcar a imaginação de seus escritores”.*⁶

As palavras da autora permitem refletir sobre a importância do elogio na escrita antiga: mais do que um compromisso com a veracidade dos fatos, muitos autores da Antiguidade, biógrafos ou não, estavam interessados em exaltar as qualidades de indivíduos, eventos ou cidades. O elogio na Antiguidade, compreendido como o destaque a características valorizadas numa determinada cultura, é debatido na obra de Hartog, “De Homero a Santo Agostinho”. O verbete que se refere a esta questão sugere que a principal motivação para a realização do elogio, aos olhos de Isócrates seria pedagógica. Explica Hartog que:

⁵ Idem, p. 08.

⁶ SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. A biografia antiga: o caso de Plutarco. **Métis História e Cultura:** revista de História da Universidade de Caxias do Sul. EDUCS, v.2, n.3, jan/jun. 2003, p. 31.

Fazer o elogio, mas em prosa, dos grandes homens do presente é, segundo Isócrates, uma tarefa “filosófica” pelo efeito de emulação que exerce nos jovens. Graças a essas imagens das ações, artisticamente produzidas, eles descobrirão que a grandeza não está reservada só aos heróis de antigamente, celebrados pelos poetas: eles também, os homens de hoje, podem ser heróis (em prosa).⁷

Desta forma, o elogio de virtudes durante a Antiguidade cumpria, sobretudo, um papel pedagógico: partia-se do pressuposto de que esta exaltação de qualidades heróicas poderia influenciar os mais jovens, que tenderiam a imitar tais exemplos. No momento em que um grande número de cidadãos adotasse essas posturas, a *polis*⁸ inteira seria beneficiada. Pode-se imaginar que, a fim de atingir um maior número de indivíduos, procurar-se-ia exemplificar com as ações de um personagem, por estes, conhecido e admirado, ou seja, um nome reconhecido socialmente como detentor de características valorizadas dentro da cultura helênica. O indivíduo que se destaca, na Antiguidade, é aquele que, em geral, relaciona-se com a vida pública e em especial com a política, âmbito extremamente significativo no cotidiano do homem grego. Dessa forma, as figuras elogiadas, nas obras de autores gregos, são, geralmente, homens proeminentes em espaços relacionados com a política, com a administração da cidade, ou peritos no exercício oratório na *àgora*⁹. Também recebem elogios os atores que se sobressaem no espaço do conflito bélico, foco da presente pesquisa. Silva, que se dedica ao estudo da obra de Plutarco, reflete sobre este ponto, argumentando que também o espaço da vida privada destes indivíduos é contemplado no afã de demonstrar suas virtudes. Em relação ao debate sobre a escrita dos autores antigos, Silva refere que:

se os fatos grandiosos da Antiguidade, que estavam relacionados ao mundo político, ao espaço público no qual predominavam assuntos relacionados à cidade, são objetos da História, os acontecimentos ligados ao mundo particular são temáticas do gênero literário. Embora embasados nos relatos

⁷ HARTOG, François (Org.). **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte:UFMG, 2001, p. 102-103.

⁸ A palavra grega “*polis*” pode ser traduzida como “cidade”.

⁹ A *àgora* era o espaço no qual se reuniam os cidadãos para realizar o debate sobre os temas de interesse para a cidade.

*históricos, os escritores que se dedicaram ao estudo da origem, da vida e morte dos indivíduos eram vistos como biógrafos.*¹⁰

Estes escritores, historiadores ou biógrafos, destacam pontos considerados importantes, enquanto exemplos de atitudes e pensamentos, que podem revelar alguns elementos importantes da cultura grega. Desta forma, parte-se do princípio de que a exaltação de determinados aspectos individuais expressam elementos presentes na cultura do homem grego¹¹. Partia-se da consideração de que as ações vistas eram imitadas pelos demais membros da sociedade. Portanto, havia uma preocupação em transmitir valores, como justiça, heroísmo, etc., que fossem absorvidos pela juventude, denegrindo tudo o que era considerado um mau exemplo. E tais princípios eram repassados através de diversas formas narrativas, como os poemas homéricos, os relatos considerados históricos, como os de Heródoto e Tucídides, bem como as tragédias.

Relacionada à questão do elogio está a concepção da memória. Para os gregos antigos, esta era uma preocupação fundamental, não apenas pela prática da memorização de textos, como, por exemplo, as obras homéricas, mas também enquanto motivação fundamental para os grandes feitos. O desejo de perpetuar o nome, o afã de ser reconhecido e lembrado é um motivo propulsor da ação do homem grego, que almeja destaque, para que seu nome não seja esquecido. De um modo geral, pode-se supor que havia, na cultura grega, a consciência da perenidade do ser humano apenas como uma manutenção do nome na memória imorredoura transmitida ao longo das gerações. A própria vitória em um conflito bélico não é o essencial, mas sim os atos perpetrados nesse evento. Tal afirmação se confirma a partir do discurso de Péricles, personagem que será analisado posteriormente neste estudo, quando este expõe que:

¹⁰ SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *op. cit.*, p. 31.

¹¹ A obra de Carlo Ginzburg, “O queijo e os vermes”, segue esta direção no momento em que propõe uma análise de uma cultura popular que, ao mesmo tempo em que é influenciada por uma cultura da elite, influencia esta por sua vez, através da figura do moleiro Menocchio. Entretanto, o que se propõe nesta pesquisa não é uma análise de micro-história como o realizado por Ginzburg, uma vez que já se parte de uma esfera mais ampla com um arcabouço interpretativo e hipóteses estruturadas. GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das letras, 1987. Porém a base de análise do contexto cultural da Grécia Antiga, visando especificamente os códigos e valores morais do período no qual escreve Tucídides, dar-se-á, no estudo em questão, através dos personagens selecionados, o espartano Brasidas e o ateniense Péricles.

Nas sucessivas gerações de homens que verão o futuro, ainda que nesta guerra venhamos a sucumbir – pois todas as coisas estão sujeitas a decair – a memória desta nossa grandeza haverá sempre de sobreviver. Ela lembrará que, dentre todos os helenos, fomos os que prevalecemos sobre o maior número de helenos, que sustentamos as mais formidáveis guerras contra adversários tanto unidos quanto separados e, ainda, que habitamos uma cidade dentre todas distinguida por sua superioridade em riquezas e em grandeza.¹²

A partir da compreensão da importância da narrativa, em suas diversas modalidades, para a transmissão de valores e virtudes elogiáveis, no intuito de influenciar o comportamento dos mais jovens, passar-se-á a analisar, no próximo item, de que forma a narrativa tucidideana contempla estas questões. Procurar-se-á debater suas especificidades, regidas, a princípio, pelo contexto no qual o relato em estudo foi escrito.

2. A narrativa de Tucídides

No intuito de compreender, de que forma Tucídides elabora e desenvolve o elogio em sua obra, é fundamental realizar um breve debate sobre o contexto no qual o autor escreveu, assim como sobre as especificidades de seu relato.

As modificações ocorridas na realidade econômica, institucional e social da Grécia ao longo do tempo, provavelmente, influenciaram as formas da escrita, além da apresentação do conteúdo da obra. Entretanto, deve-se salientar a presença não apenas de rupturas, mas também de continuidades, em relação a diversos aspectos, ao se analisar as obras de autores da Grécia Antiga. Entre os exemplos cabíveis de continuidade, está a própria escolha da principal temática digna de relato, ou seja, os conflitos bélicos, bem como alguns códigos morais que se expressam através da exaltação de virtudes de determinados personagens. Na obra de Tucídides, porém, é possível perceber algumas singularidades em relação aos autores antecessores, inovando a forma de narração dos fatos (neste caso, relativos à Guerra do Peloponeso), que terá implicações sobre a própria prática do elogio.

¹² TUCÍDIDES. Apud: MAGALHÃES, Luiz Otávio. *Op. cit.*, p. 232.

O primeiro ponto que merece destaque é o fato de Tucídides, general ateniense, ter participado dos eventos que narra. O autor é considerado como o primeiro historiador, uma vez que se preocupa em realizar uma crítica racional sobre as obras de autores que o antecederam.¹³ Tucídides procura afirmar a importância de seu relato, assinalando a veracidade dos fatos por ele narrados, valendo-se de suas próprias observações enquanto ator e espectador dos eventos. O general ateniense compara a guerra em questão com outros conflitos anteriores, considerados grandiosos por seus contemporâneos, demonstrando, a partir de uma crítica racional e muitas vezes técnica, os equívocos encontrados nos discursos desses autores. Pires afirma que é possível vislumbrar na obra de Tucídides elementos que serão fundamentais para a noção científica da modernidade. O autor explicita que

Na História tucidideana então reconhecíamos nossos princípios e preceitos de cientificidade historiográfica. O primado, incondicional e irrestrito, quase obsessivo, de afirmar a verdade dos fatos, alcançados em sua singularidade unívoca de acontecimentos cronologicamente ordenados. O espírito de crítica conformado em método analítico de comprovação (por apuração e depuração) de veracidade dos relatos e informes históricos, pautando-se pelos melhores padrões de rigor e exatidão de uma práxis que almeja à objetividade de sua escrita. (...) Tucídides, pois, “o primeiro Historiador moderno, científico.”¹⁴

¹³ É possível demonstrar tal afirmação através do trecho em que o autor apresenta argumentos a fim de desconstruir, racionalmente, a narrativa homérica enquanto um relato verídico. Segundo Tucídides “ele [Homero] dá, dentre os 1.200 navios, como sendo de 120 tripulantes os dos beócios, e de 50 os de Filoctetes, revelando assim, ao que me parece, quais eram os maiores e os menores; quanto aos outros, em todo o caso, não faz menção a respeito de seus portes no catálogo das naus. Mas que todos eram remeiros e combatentes, revelou-o quanto aos navios de Filoctetes, pois deu como arqueiros todos os que manejavam os remos; já quanto aos passageiros, não é verossímil que houvesse muitos a bordo, exceto os reis e os altos dignitários, principalmente por que iam atravessar o mar com seus equipamentos bélicos e nem dispunham de naus providas de convés, mas sim à maneira antiga, construídas mais como as dos piratas. Considerando, portanto, um termo médio, entre as naus maiores e as menores, não parece que eles partiram em grande número, dado que compunham uma expedição em comum vinda de toda a Hélade. A causa foi não tanto a escassez de homens quanto a falta de recursos. (...) Mas, se por falta de recursos, as empresas anteriores a esta foram insignificantes, também essa mesma, embora mais renomada do que as ocorridas anteriormente, revela-se pelos fatos como sendo inferior ao que proclama sua fama e a tradição firmada atualmente acerca dela por meio dos poetas”. TUCIDIDES. Apud: PIRES, Francisco Murari. **Mitihistória**. São Paulo: Humanitas/FAPESP. 1999, p. 237.

¹⁴ Idem, p. 89-90.

Tucídides apresenta seu texto com o intuito de diferenciar-se dos escritores de até então, cujos objetivos mais prementes seriam o de divertir o público. Tucídides critica esses autores que o antecederam, pela falta de compromisso com a verdade, expondo que tal preocupação com o interesse do público denotaria uma tendência a mistificar e engrandecer o ocorrido. O general ateniense não apenas desconstrói os argumentos dos autores, como os critica explicitamente. Criticando tais poetas, que se apropriam e transmitem os relatos tradicionais sem a realização de uma crítica dos mesmos, e a população, que aceita tais versões como verdadeiras, ele afirma que:

Assim negligenciada é a investigação da verdade pela maioria das pessoas que se inclinam antes para a versão corrente. Com base nos indícios que foram enunciados, não erraria quem julgasse os fatos, de modo geral, assim como eu os considereei, e não confiasse nem no que a seu respeito os poetas celebraram tendo antes em vista adorno engrandecedores, e nem no que os logógrafos compuseram, tendo em vista antes mais o que é do agrado do auditório ao que é mais verdadeiro, dado que eles são incomprováveis e, na sua maioria, submetidos ao tempo, inconfiáveis em razão do caráter mítico adquirido.¹⁵

Essa contrariedade pode ter afetado a forma com a qual o autor elaborou seu texto,¹⁶ uma vez que este apresenta uma longa descrição dos dados e passagens da guerra, tornando-se, muitas vezes, árido à leitura. Tucídides procura evidenciar os fatos à luz do raciocínio lógico e crítico, procurando suprimir o fantasioso, e, até mesmo, o ato de enaltecer indivíduos e acontecimentos. Gagnebin, ao refletir sobre a narrativa de Tucídides, defende que o autor seleciona os fatos narrados sem apresentar seus critérios de escolha e apresenta um texto, que apesar de guiar e convencer o leitor, limita suas

¹⁵ TUCÍDIDES. Apud: Idem, p. 237.

¹⁶ Jacqueline de Romilly afirma que “Tucídides estabeleceu suas distinções com lucidez e clarividência; nada o guiou a não ser sua inteligência, nada lhe serviu de critério a não ser sua razão. Mesmo assim, escolheu, construiu, refez a história. E se ele se apagou da sua própria história como indivíduo, foi para impor-se ainda mais como intérprete e criador. Nenhuma história soube mais que a dele respeitar os documentos, no entanto nenhuma outra esteve mais longe de ser uma simples série de documentos. Em resumo, ele realizou o paradoxo de servir-se da objetividade mais rigorosa para a elaboração mais pessoal”. In: ROMILLY, Jacqueline de. **História e razão em Tucídides**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p.15.

possibilidades de percepção de outras realidades, de que haveria outros caminhos de compreensão do evento abordado. Ao referir-se a Tucídides, argumenta a autora que:

*A sua narrativa se desenvolve de maneira coerente, com uma lógica que nos convence das suas hipóteses e das suas interpretações. Pela primeira vez a história humana nos é apresentada como compreensível e explicável racionalmente, com todas as suas implicações e possibilidades. (...) O discernimento de Tucídides nos permite compreender racionalmente a história; nos impede, ao mesmo tempo, de conceber um outra história que aquela escrita por ele.*¹⁷

Entretanto, apesar das precauções do autor ateniense em tornar seu texto mais plausível e das tentativas de enxugar qualquer mistificação de sua obra, percebe-se, em diversas passagens, a permanência de alguns códigos de valores morais e heróicos, anteriormente utilizados por poetas na narrativa tucidideana.¹⁸ Portanto, apesar das peculiaridades da obra de Tucídides, é possível perceber a exaltação das virtudes de determinados sujeitos, não apenas cidades, mas também em grande medida de indivíduos. Para compreender os elogios realizados por Tucídides, analisando não somente a quem é feito, as características elogiadas e o possível significado destes, é necessário avaliar o contexto a partir do qual o autor escreve. Tucídides vive em uma cidade a qual adotou o modelo democrático, regido pelo princípio da isonomia, e este fato pode ter influência sobre a escrita do general ateniense. Assim, é possível supor que tal concepção sobre a importância da igualdade entre os cidadãos amplie a utilização do elogio para além do nível individual, abrangendo também a própria cidade ou o evento da guerra. Neste momento, verifica-se em Atenas o auge da participação popular no processo decisório.¹⁹ Este movimento da ampliação da interferência da população nos assuntos da cidade, bem como a ampliação da própria cidadania, está no âmbito da perspectiva de igualdade que sustenta o modelo democrático. Estas mudanças são identificadas a partir das reformas atribuídas a Clístenes, descendente da família dos Alcmeônidas, que reorganizou e ampliou as tribos nas quais a população ateniense

¹⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie. O início da história e as lágrimas de Tucídides. In: **Margem**, São Paulo, n 1, p.09-28, 1992, p. 20, 21.

¹⁸ Este é o tema da Tese de Doutorado de Luiz Otávio Magalhães, anteriormente citada.

¹⁹ Todas as informações em relação à contextualização do período são extraídas de MOSSE, Claude. **Atenas a história de uma democracia**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

estava separada, privilegiando o critério territorial. As reformas de Clístenes permitiram uma maior integração da Ática. Além disso, as tribos passaram a enviar um maior número de representantes para a Bule, órgão de fundamental importância para as funções legislativas da cidade.

O princípio da igualdade, difundido neste momento, provoca a diluição do indivíduo no interior da coletividade.²⁰ Partia-se do pressuposto de que a atividade política não exigia a atuação de especialistas e que toda a população deveria integrar o processo de decisão sobre os mais diversos temas, votando na Assembléia. A falta desta experiência política e do domínio das questões técnicas e administrativas por grande parte da população, foi uma questão levantada, já na época, para criticar o modelo de democracia. Mosse demonstra a importância e o funcionamento destas assembleias, nas quais se debatiam os tópicos mais relevantes para a cidade. A autora explicita que:

Na Atenas democrática dos séculos V e IV, todos podiam participar nas sessões da assembleia do povo (...).A decisão é aprovada por maioria, fazendo-se a votação de braço no ar. (...). As decisões da assembleia abrangiam tanto a política externa como questões internas, construções públicas, lançamento de um novo imposto de guerra excepcional, introdução de um novo culto. No século V, a presença na assembleia não era remunerada. Mas a partir do século IV foi instituído um salário...²¹

É observado um esforço para subsumir o indivíduo no interior da coletividade; entretanto, em todos os períodos da democracia houve atores que se destacaram dos demais. Todavia, a ênfase na igualdade entre os cidadãos acarretava o temor destes indivíduos elogiados e celebrados por muitos, imputando-lhes muitas vezes a vaidade, a intenção de se sobressair e de se tornarem tiranos. Então, construíram-se mecanismos

²⁰ Vernant esclarece que “O vínculo do homem com o homem vai tomar assim, no esquema da cidade, a forma de uma relação recíproca, reversível, substituindo as relações hierárquicas de submissão e de domínio. Todos os que participam do Estado vão definir-se como *Homoioi*, semelhante, depois, de maneira mais abstrata, como os *Isoi*, iguais. Apesar de tudo o que os opõe no concreto da vida social, os cidadãos se concebem, no plano político, como unidades permutáveis no interior de um sistema cuja lei é o equilíbrio, cuja norma é a igualdade. (...) O que agora é preconizado é um ideal austero de reserva e de moderação, um estilo de vida severo, quase ascético, que faz desaparecer entre os cidadãos, as diferenças de costumes e de condição para melhor aproximá-los uns dos outros, uni-los como os membros de uma só família.” (VERNANT, Jean-Pierre. Apud: MAGALHÃES, Luiz Otávio. *Op. cit.*, p.15.

²¹ MOSSE, Claude. **O cidadão na Grécia Antiga**. Lisboa: Edições 70, 1993, p. 54, 55.

que coibiram, a princípio, essa possibilidade, como, por exemplo, o ostracismo, através do qual o indivíduo suspeito de conspiração, traição, querer tomar o poder da cidade, entre outras acusações, era enviado ao exílio. Entre as habilidades dignas do elogio, está a prática da oratória, que será extremamente relevante em momentos de conflito bélico, conforme será analisado ao longo deste artigo.

3. O homem grego e a guerra

A guerra é um evento comum durante a história da Grécia Antiga, o que pode ser percebido no seu uso recorrente enquanto temática de interesse de escritores e poetas. É na narrativa destes conflitos que se expõe e constrói a concepção de determinados valores culturais que pautam a organização e os valores da sociedade grega. O desenvolvimento e aprimoramento da escrita evidenciaram a importância do conflito bélico para o grego durante a Antiguidade, percebido já no conteúdo apresentado na *Ilíada*, poema atribuído a Homero e que narra os acontecimentos da guerra de Tróia. Este evento é o cenário no qual atuam diversos personagens, cujos comportamentos e ações são exaltados e elogiados, configurando-se o ideal heróico.

A guerra aparece como o momento máximo do destaque da condição humana comum, o episódio que propicia a aproximação da condição divina. Ou seja, é através da atuação na guerra que o homem pode alcançar a almejada imortalidade, se não física, o que sua condição de mortal não permitiria, do seu nome. O conflito bélico possibilita que as virtudes valorizadas na sociedade recebam um maior contorno, sendo estes reconhecidos por seus pares. Tal afirmação não significa que a guerra não fosse percebida em toda a sua dimensão trágica, enquanto uma calamidade, e que a paz não fosse apreciada como algo desejável e que esforços fossem empreendidos para que esta se concretizasse.²² A guerra não seria necessariamente um evento pelo qual se ansiava intensamente; contudo, a sua iminência era compreendida como um momento no qual

²² Garland debate esta questão, afirmando que os gregos não eram necessariamente amantes da guerra; ao contrário os próprios heróis apresentados nos poemas homéricos ansiavam pelo momento pacífico. Explana o autor que “*Os antigos gregos souberam perfeitamente reconhecer, saborear e celebrar as doçuras da paz – da paz entre as comunidades tanto quanto no interior delas. (...) Não há heróis homérico, por exemplo, que no auge dos seus combates e andanças, não experimente, em certo momento, a nostalgia de uma existência pacífica, sinônimo sobretudo de prosperidade e de alegrias, e que não esteja plenamente consciente do que implica a provação guerreira: o esforço, o sofrimento, a negra morte que faz descer longe da luz do sol no reino das sombras, e o destino lamentável infligido aos vencidos.*” GARLAN, Yvon. **Guerra e economia na Grécia antiga**. Campinas: Papirus, 1991, p. 9.

poderiam ser exercidas as virtudes cultuadas na sociedade. A guerra era percebida como um evento recorrente, que ocorreria sempre, pois era parte dos assuntos humanos. Garland argumenta que:

O homem grego estava habituado à guerra e foi mesmo belicoso, como se pode demonstrar com facilidade e de várias maneiras. (...) Em média, a Atenas clássica esteve em guerra durante mais de dois anos em três, e nunca conheceu a paz durante dez anos seguidos; (...) A documentação epigráfica mostrará o caráter efêmero e precário dos tratados que punham fim às hostilidades durante um período muitas vezes limitado a cinco, dez ou trinta anos, como se a paz fosse, desde o primeiro momento, considerada precária ou mesmo concebida como uma espécie de trégua prolongada.²³

A guerra mostra-se como um evento comum, que oferece espaço para o desenvolvimento do incomum: ou seja, é uma esfera na qual tanto o aristocrata da época homérica, quanto o cidadão da Atenas democrática podem sobressair-se de seus pares. A guerra permite a ruptura do rotineiro, é o espaço no qual se expressam de forma mais impactante as virtudes exaltadas em tempos de paz, dado que esse acontecimento é percebido como um momento-limite para os indivíduos que dele participam. A importância da guerra residia no vivenciar pleno de determinados aspectos culturais que encontravam vazão neste momento, como o sacrifício, o destemor, a bravura. É um momento de exacerbação da coletividade, não apenas pela estruturação de um exército, mas pela própria organização e unificação social exigida dos cidadãos.

Na Guerra do Peloponeso, foco da presente pesquisa, podemos ver, claramente, o embate entre duas cidades-estado mais importantes da Hélade no momento, Esparta e Atenas. Essas duas cidades possuíam modelos de governo diferentes, Atenas seguindo o modelo democrático e Esparta governada por uma monarquia dupla. As especificidades dessas cidades, que as tornam antagônicas em relação a aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos, seriam, na visão do historiador grego, as causas mais profundas da guerra. Em relação ao início da guerra e suas causas, Tucídides reflete que:

²³ GARLAN, Yvon. O homem e a guerra. In: VERNANT, Jean Pierre. **O homem grego**. Lisboa: Editorial Presença, 1994, p. 49.

...ela começou quando os atenienses e peloponésios romperam a trégua de trinta anos, concluída entre eles após a captura da Eubéia. As razões pelas quais eles a romperam e os fundamentos de sua disputa eu exporei primeiro, para que ninguém jamais tenha de indagar como os helenos chegaram a envolver-se em uma guerra tão grande. A explicação mais verídica, apesar de menos frequentemente alegada, é, em minha opinião, que os atenienses estavam tornando-se muito poderosos, e isso inquietava os lacedemônios, compelindo-os a recorrerem à guerra.²⁴

Para Tucídides, a guerra implicava mais que o evento relacionado como estopim, ou seja, o auxílio bélico prestado por Atenas a uma cidade sob hegemonia de Corinto, cidade aliada de Esparta. Estava ligada ao receio espartano em perceber a prosperidade de Atenas, cuja influência crescia desde a vitória nas Guerras Médicas e que estabelecia um verdadeiro império sobre um grande número de cidades. A intensificação da contradição entre uma Atenas expansionista e ambiciosa e uma Esparta conservadora e arraigada às suas tradições são, para o general ateniense, as motivações ocultas da guerra. A guerra, evento que, por si só, desperta o interesse dos autores gregos, agora, passa a envolver as duas grandes potências bélicas do momento: Atenas, referência principal em relação à guerra marítima, dona da frota mais poderosa da Hélade, e Esparta, grande potência militar terrestre. O conflito entre as duas grandes cidades merece, aos olhos de Tucídides, não apenas uma descrição, mas sim uma exaltação, pois sua grandeza extrapola a idéia da guerra por si só, sendo, de fato, o maior conflito já vivenciado pelos gregos. Tucídides afirma que:

O ateniense Tucídides escreveu a história da guerra entre os peloponésios e os atenienses, começando desde os primeiros sinais, na expectativa de que ela seria grande e mais importante que todas as anteriores (...) Com efeito, tratava-se do maior movimento jamais realizado pelos helenos, estendendo-se também a alguns povos bárbaros – a bem dizer à maior parte da humanidade. Na verdade, quanto aos eventos anteriores e principalmente aos mais antigos, seria impossível obter informações claras devido ao lapso de tempo; todavia, da evidência que considero confiável recuando as minhas

²⁴ TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. 4. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2001, 1987, p. 15.

*investigações o máximo possível, penso que eles não foram realmente grandes, seja quanto às guerras mesmas, seja quanto a outros aspectos.*²⁵

A guerra, para os gregos, era um momento calamitoso, porém de grandiosidade. Os gregos compreendiam a guerra como um espaço de construção e exposição de valores cultivados na sociedade, algo que fugia da existência comum e que permitia uma aproximação do âmbito divino. A guerra propiciava a “bela morte”, ou seja, a morte por motivos nobres, por sua cidade, seus pares, seus ideais. Por propiciar o exercício efetivo das qualidades valorizadas socialmente, a guerra gerava entusiasmo entre os gregos antigos. É o grande momento de diferenciação, do exercício das virtudes valorizadas socialmente.

4. Péricles

Péricles é, sem dúvida, o indivíduo a quem o autor tece o maior número de elogios durante sua obra. O grande líder ateniense, nascido por volta de 495 a.C., teve atuação marcante em sua cidade, alcançando os mais importantes cargos e introduzindo modificações centrais para o desenvolvimento de Atenas. O período de sua ascensão como principal cidadão ateniense corresponde, exatamente, ao auge da cidade, em relação ao seu desenvolvimento político e cultural. A importância de Péricles era perceptível não somente para seus concidadãos, mas também para aqueles que se contrapunham ao poderio ateniense. Com o intuito de evitar a guerra iminente, Esparta envia uma delegação até Atenas, enumerando uma série de exigências que inviabilizariam o confronto. Entre as solicitações espartanas está a expulsão da cidade de todos os descendentes das famílias maculadas por uma determinada maldição por sacrilégio.²⁶ Péricles pertencia, por parte de mãe, à família dos Alcmeônidas, envolvida

²⁵ Idem, p. 1.

²⁶ Tucídides narra as origens desta maldição a partir da tentativa de um nobre ateniense, denominado Cílon, em tomar, juntamente com seus seguidores, a Acrópole de Atenas durante uma festividade. A população sitiou o local, e apesar de Cílon e seu irmão terem conseguido fugir, os demais ficaram sem alimentos e água. Os arcontes responsáveis pela guarda prometeram que se estes se entregassem não lhes seria feito nenhum agravo, descumprindo, após a rendição, sua palavra. Tucídides descreve que “*quando os atenienses encarregados da guarda os viram morrendo no templo, forçaram-nos a levantar-se mediante promessa de não lhes fazer mal, mas começaram a matá-los após os terem levado para longe; alguns foram mortos no trajeto, diante do próprio altar das Deusas Veneráveis. Por aquele ato tanto os encarregados da guarda quanto os seus descendentes foram declarados malditos e pecadores contra a*

no episódio, e, segundo Tucídides, seu banimento era o verdadeiro desejo dos lacedemônios.²⁷

Péricles era, dessa forma, de origem aristocrática, sobrinho-neto de Clístenes, e desde cedo se projetou na vida política. Os primeiros relatos de suas atuações públicas inserem-se na tradição das disputas familiares pelo apreço popular, embatendo-se com Címon através de concessões aos cidadãos mais humildes. Entre tais concessões, introduzidas por Péricles, está a mistoforia, através da qual se instituiu uma remuneração das funções públicas, a fim de que a população mais carente pudesse abandonar seu trabalho e participar das decisões referentes aos interesses da cidade sem maiores prejuízos para si. Péricles preocupou-se em estimular as obras públicas, expressões culturais, como o teatro e a filosofia. O líder ateniense procurava aproximar-se de grandes pensadores da época, como Zenão de Eléia e Anaxágoras. Mossé destaca a importância de Péricles enquanto figura central na política ateniense:

...incontestavelmente, a política ateniense da metade do século V a.C. traz sua marca. (...) Essa política resultava não apenas de uma reflexão calculada, mas também de uma escolha deliberada com o objetivo de assegurar, ao povo, os recursos para viver condignamente e exercer livremente a sua soberania e de permitir a Atenas, modelo de equilíbrio e harmonia, impor este equilíbrio, ainda que pela força, a todo o mundo egeu.²⁸

Funari vai ao encontro dessa percepção sobre o personagem Péricles, constatando que:

Péricles foi o grande estrategista ateniense, ao preocupar-se, desde 445 a.C. com o estabelecimento de linhas de abastecimento seguras para Atenas, com o fortalecimento de sua esquadra, assim como por procurar alianças políticas com cidades estrategicamente localizadas, como Régio e Leontinos, no Ocidente. Com isso, buscava controlar o acesso dos alimentos que vinham da Sicília para o Peloponeso, assim como tudo o que proviesse

deusa. Em consequência os malditos foram expulsos (...). Mais tarde, porém, eles foram reabilitados e seus descendentes ainda residem na cidade". In: Idem, p. 74-75.

²⁷ Idem, p. 75.

²⁸ MOSSE, Claude. **Atenas: história...** op. cit., p. 38.

*do mar Egeu. (...) A poderosa frota ateniense manteria a ordem no império, garantiria o abastecimento à cidade e ainda permitiria que o Peloponeso fosse acossado por mar, exigindo que os espartanos não abandonassem sua retaguarda desguarnecida, dividindo o exército inimigo.*²⁹

Apesar de descrever algumas campanhas militares comandadas por Péricles,³⁰ é por sua capacidade de estabelecer estratégias, ponderando as forças de ambos os lados e por sua moderação, que Tucídides elogia o líder ateniense. Tucídides expõe a importância da retórica de Péricles e sua capacidade de aconselhar a multidão em momentos de tomadas de decisões fundamentais para o futuro da pólis. Tucídides narra uma reunião da assembléia, na qual seriam debatidos os requerimentos realizados pelos espartanos e a postura ateniense frente à possibilidade de guerra. Tucídides explicita que:

*...os atenienses, reunindo-se em assembléia, deram aos cidadãos oportunidade de opinar, e ficou resolvido que somente após apreciarem o assunto sob todos os aspectos responderiam aos lacedemônios. Muitos dos presentes subiram à tribuna e falaram a favor de ambas as alternativas, uns reiterando que era necessário ir à guerra, outros que o decreto não deveria ser um obstáculo no caminho da paz, e teria de ser revogado; finalmente Péricles, filho de Xântipos, o homem mais eminente entre os atenienses daquele tempo graças à sua superioridade tanto em palavras quanto em atos, subiu à tribuna...*³¹

²⁹ FUNARI, Pedro Paulo. Guerra do Peloponeso. In: MAGNOLI, Demetrio. (org.) **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 33-34.

As campanhas chefiadas por Péricles são apenas de cunho informativo, e não há a construção de elogios as suas capacidades enquanto guerreiro. Tucídides se concentra nos fatos ocorridos durante os confrontos bélicos. TUCÍDIDES. **História da...** *op. cit.*, p.65-67. O elogio à Péricles enquanto comandante militar coube a Plutarco em sua obra “Vidas paralelas”. Afirma o autor que “*Em la parte militar gozaba de gran concepto, principalmente por la seguridad de las empresas; no entrando voluntariamente em combate dudoso y de pelligro, ni siguiendo las huellas y ejemplos de aquellos caudillos a quienes de su arrojo temerário les habia resultado una brillante fortuna y el ser admirados como grandes capitanes; antes, continuamente estaba diciendo a sus ciudadanos que en cuanto de el dependiese serian siempre inmortales. (...) Navegando al Ponto com uma armada considerable y perfectamente equipada, hizo em favor de las ciudades griegas cuanto acertaron a desear, tratandolas con humanidad; a las naciones bárbaras de los alrededores, a sus reyes y a sus príncipes lês puso a vista lo grande de su poder, su ousadis y la confianza com que los atenienses navegaban por donde les placia, teniendo bajo su dominio todo el mar.*” In: PLUTARCO. **Vidas paralelas**. Buenos Aires: Losada, 1939-1940, p. 25-26.

³¹ TUCÍDIDES. **História da...** *op. cit.*, p. 83.

Tucídides apresenta Péricles como um indivíduo que se destaca dos demais, um cidadão superior por sua compreensão da implicação dos eventos e sua sensatez em explicitar seus argumentos. Na reconstrução do discurso de Péricles, que, favorável à guerra com os lacedemônios acaba por cooptar a assembléia, Tucídides evoca uma figura ponderada ao demonstrar sabiamente todas as forças que serão envolvidas na guerra e as vantagens e desvantagens de ambos os lados. Péricles é mostrado como um indivíduo coerente, que mantém seu ponto de vista de outrora e que também possui uma visão mais ampla dos reais motivos pelos quais é necessário entrar em guerra com os espartanos.

Tucídides apresenta Péricles como aquele que oferece os melhores conselhos, as respostas mais adequadas para a solução dos eventos, em prol dos interesses da cidade. Péricles é exaltado por Tucídides por suas capacidades intelectivas, as quais utiliza para demonstrar as possibilidades desencadeadas pela guerra e percebê-la mais além dos fatos que a iniciaram. Magalhães avalia que

*“Dentre os indivíduos que se destacam, ao longo da narrativa tucidideana, em razão de suas virtudes intelectivas, Péricles é, sem dúvida (...) um campeão. Ele é o homem da inteligência, indivíduo jamais citado por Tucídides sem que tal referência seja acompanhada pela distinção de suas virtudes intelectuais. Péricles é o indivíduo mais que todos notável por sua presciência (...) e sua capacidade de delinear projetos (...). É ele o orador que sob à tribuna não apenas para persuadir o demos mas, acima de tudo, para o instruir, esclarecer.”*³²

A capacidade de prever estes eventos não apenas são vistos na construção das muralhas ao longo da cidade e no reforço da frota. Ela está presente nos conselhos aos seus concidadãos, como no trecho em que Péricles sugere que os atenienses não expandissem a guerra abarcando terras distantes e novos inimigos, procurando não ampliar o império, estando a guerra em andamento.³³ Nessa passagem Péricles parece

³² MAGALHÃES, Luiz Otávio. *op. cit.*, p. 71.

³³ Neste discurso, Péricles advertiria seus concidadãos, explanando que *“Muitos outros motivos também me levam a esperar que nos mostremos superiores, se vos comprometerdes a não tentar ampliar o vosso império enquanto estiverdes em guerra e a não correr desnecessariamente perigos adicionais devido a vós mesmos; na realidade, preocupam-me mais os vossos erros que os planos do inimigo”*. TUCÍDIDES. **História da...** *op. cit.*, p.87.

estar se referindo à desastrosa campanha na Sicília, quando os atenienses invadiriam a ilha e confrontariam os exércitos siracusanos, sofrendo uma fragorosa derrota, sendo seus soldados exterminados ou escravizados e sua frota destruída. Tucídides elogia, explicitamente, a capacidade de Péricles em avaliar os fatores envolvidos na guerra, afirmando que:

Péricles sobreviveu dois anos e seis meses ao início da guerra; depois de sua morte foi ainda mais admirado pelo valor de suas previsões quanto à mesma. De fato, ele havia aconselhado os atenienses a manterem uma política defensiva, a cuidarem de sua frota e a não tentarem aumentar o seu império durante a guerra. Eles, porém, agiram contrariamente a tudo isto e, mais ainda, em assuntos aparentemente alheios à guerra foram levados por ambições pessoais e cobiça a adotar políticas nocivas a si mesmos e aos seus aliados.³⁴

É possível perceber que Tucídides associa a derrota ateniense na guerra à desconsideração dos conselhos de Péricles, do mesmo modo que à ambição e à incompetência dos líderes que alçaram o poder da cidade após sua morte. Assim, pode-se sugerir, que, para o general ateniense, a morte de Péricles e a ausência de seus conselhos sábios estão associadas à derrota final de Atenas na guerra. Outro fator que o autor critica é a volubilidade da multidão, a qual, inicialmente, aprovava as ações de Péricles, sua conduta de resguardar a população no interior dos muros da cidade e o abandono dos campos, por ser provável a derrota pelo superior exército espartano, e que, todavia, quando viram suas terras devastadas, culpavam o líder. Preocupado com a possibilidade de suas terras não serem atingidas, a fim de desacreditá-lo frente a população, ou mesmo em agradecimento à hospedagem, anteriormente, oferecida ao rei espartano, Péricles declara em assembléia sua antiga hospitalidade ao rei lacedemônio e expõe seu desejo de, caso suas propriedades serem poupadas, abandoná-las por questão de justiça. Nessa passagem, Tucídides demonstra a integridade moral de Péricles, que deseja sofrer as conseqüências do avanço espartano da mesma forma que seus conterrâneos. Péricles recebeu uma multa, o que acalmou seus críticos e despertou

³⁴ Idem, p. 144.

novamente a simpatia da população, que passava a notar sua capacidade para opinar sobre os assuntos de interesses gerais. Tucídides declara que:

...numa reviravolta muito ao gosto das multidões, os atenienses o reelegeram comandante e lhe confiaram a condução de todos os assuntos da cidade; de fato, a essa altura eles já estavam menos sensíveis aos seus infortúnios privados e já o consideravam o homem mais capaz em face das necessidades da cidade como um todo. Com efeito, enquanto Péricles esteve à testa da cidade em tempo e paz, seguiu uma política moderada e a manteve segura, e foi sob seu governo que Atenas atingiu o auge de sua grandeza; depois, quando começou a guerra parece que ele estimou realisticamente a magnitude da força da cidade.³⁵

Tucídides realiza um longo elogio ao líder ateniense no trecho em que fala sobre sua morte. Escreve o general ateniense que:

A razão do prestígio de Péricles era o fato de sua autoridade resultar da consideração de que gozava e de suas qualidades de espírito, além de uma admirável integridade moral; ele podia conter a multidão sem lhe ameaçar a liberdade, e conduzi-la ao invés de ser conduzido por ela, pois não recorria á adulação com o intuito de obter a força por meios menos dignos; ao contrário, baseado no poder que lhe dava a sua alta reputação, era capaz de enfrentar até a cólera popular. Assim, quando via a multidão injustificadamente confiante e arrogante, suas palavras a tornavam temerosa, e quando ela lhe parecia irracionalmente amedrontada, conseguia restaurar-lhe a confiança. Dessa forma Atenas, embora fosse no nome uma democracia, de fato veio a ser governada pelo primeiro de seus cidadãos.³⁶

Péricles é, assim, o grande herói tucidideano, o previdente, o inflexível, solitário e, muitas vezes, incompreendido. Péricles era a personificação da racionalidade, da inteligência presciente, da moderação e do equilíbrio. A guerra propicia a evidência das

³⁵ Idem, p. 125.

³⁶ Idem, p. 126.

qualidades deste líder, não no exercício das atividades militares, mas sim enquanto estrategista. Tucídides, que via com desconfiança a participação popular nas decisões da cidade, mesmo em desacordo com Péricles nessa questão, não se opunha, politicamente, a este, pois compreendia que, de fato, era este quem governava e seu governo trouxera prosperidade à cidade. O Péricles de Tucídides é exaltado por suas capacidades intelectivas e será sempre associado ao esplendor da Atenas no período clássico.

5. Brasidas

As informações sobre Brasidas, comandante espartano, filho de Télis e que morreu em combate durante a Guerra do Peloponeso (em 422 a.C.), são muito mais restritas que as encontradas sobre Péricles. Contudo, ele é o lacedemônio mais citado e elogiado por Tucídides durante sua obra. As referências que o autor expõe sobre Brasidas parecem diferir das características comumente atribuídas aos espartanos. Magalhães expõe que, a partir da narrativa de Tucídides, é possível compreender que os espartanos seriam mais lentos, hesitantes, sendo pouco afeitos ao exercício da ousadia.³⁷ Por sua vez, a audácia, a ousadia, complementada por outros fatores,³⁸ seria o traço mais marcante do ateniense. A ousadia é associada à vitória, é a virtude que Tucídides aponta como central para a obtenção do êxito.

Desde o momento, em que Brasidas aparece na narrativa, é possível perceber que ele não se adequa na descrição das características atribuídas a um espartano. Brasidas é apresentado ao leitor durante a descrição de uma batalha em Metone, cidade na qual desembarcaram as tropas atenienses. Brasidas, intrépido, lança-se ao ataque dos soldados de Atenas, num gesto surpreendente e de bem sucedida ousadia, uma vez que partia de um espartano. Descreve Tucídides:

³⁷ MAGALHÃES, Luiz Otávio. *op. cit.*, p. 53-56.

³⁸ Magalhães argumenta que “em seu Discurso Fúnebre, Péricles afirma que o que distingue os atenienses face a todos os demais helenos não é simplesmente a exibição da ousadia e da audácia, mas sim o perseverar nos comportamentos audazes mesmo sendo eles, atenienses, igualmente proeminentes no emprego do cálculo (...) capaz de antecipar desdobramentos e perigos futuros derivados das opções de ação adotadas no presente. (...). Justamente porque não desacompanhada do cálculo, a tolma dos atenienses merece ser considerada a mais nobre e insuperável dentre todas. (...) Entre os atenienses, a coragem – este outro nome da audácia – é verdadeiramente uma escolha, um comportamento ao qual aderem os homens por sua livre vontade.” Idem, p. 65.

Mas Brasidas, um espartano filho de Télis, estava nas vizinhanças com um destacamento e, diante daquela situação, pôs-se em marcha para socorrer a guarnição. Abrindo caminho impetuosamente através das tropas atenienses, que estavam espalhadas pela região e se ocupavam apenas da fortaleza, Brasidas levou suas forças até Metone, perdendo apenas uns poucos homens na investida, e assim salvou a cidade. Esse feito ousado – o primeiro do gênero na guerra – foi recebido em Esparta com um voto de louvor.³⁹

A ousadia de Brasidas abarcava também setores de inovação como a própria marinha. Esparta sempre fora uma potência terrestre, não possuindo uma frota relevante, ao contrário de Atenas, a maior potência em relação à guerra naval. Os espartanos tiveram o desafio de construir uma frota que pudesse enfrentar o poderio de Atenas, além de ganhar experiência nessa forma de luta. Brasidas, além de comandar tropas em terra, também chefiou trirremes. Na guerra marítima, Brasidas demonstra a mesma impetuosidade e destemor. Não apenas sua postura não demonstra vestígio de hesitação, como revela coragem no sentido de estar sempre junto aos seus homens, expondo-se aos perigos da mesma forma, geralmente na primeira linha. Seus inimigos, inclusive, reconheciam seu valor, e a obtenção de seu escudo durante a batalha, por exemplo, era considerado um verdadeiro troféu. Em relação à batalha estabelecida entre as forças de Brasidas e as tropas do general ateniense Demóstenes, Tucídides relata que entre os lacedemônios:

...nenhum se distinguiu tanto quanto Brasidas; no comando de uma trirreme e vendo que, devido às dificuldades do terreno, comandantes e pilotos, mesmo onde o desembarque parecia possível, hesitavam em tentá-lo e receavam que suas naus se desmantelassem, ele gritava que não se devia poupar os pranchões de que as mesmas eram feitas e tolerar sem reação que o inimigo houvesse instalado um forte em sua terra; (...) Ele mesmo, enquanto exortava os demais, compeliu seu piloto a encalhar e correu para a escada, mas ao tentar o desembarque foi ferido pelos atenienses (...); enquanto o escudo se soltava de seus braços e caía no mar; levado para

³⁹ TUCÍDIDES. **História da...** *op. cit.*, p. 103-104.

*terra e recolhido pelos atenienses, esse escudo mais tarde foi posto no troféu que ergueram para comemorar o combate.*⁴⁰

Brasidas teve um papel central na Guerra do Peloponeso ao executar uma função diplomática diante de diversas cidades, conseguindo apoio para Esparta, além de promover a rebelião de muitas cidades tributárias de Atenas. O general espartano adotava posturas que promoviam a confiança dos diferentes povos, quando, por exemplo, insistia para entrar sozinho na cidade e falar na assembléia. Tucídides ressalta, inclusive, sua capacidade oratória, considerando-o talentoso, para um espartano.⁴¹ Brasidas, dessa forma, valia-se de atitudes que conquistavam aliados sem a necessidade, grande parte das vezes, de submetê-los pela força.

Brasidas oferecia condições atrativas para as cidades que se posicionassem ao lado dos lacedemônios. Além disso, mostrava-se compreensivo e prodigalizava concessões para os derrotados em batalha, tomando atitudes justas, como por exemplo, na vitória sobre uma determinada cidade, Brasidas permitia que os atenienses residentes partissem, bem como oferecia um prazo mais longo para que recolhessem seus mortos. Tucídides recorrentemente refere-se a Brasidas como um homem moderado, que apresentava oportunidades agradáveis para as cidades, que aderiam à causa espartana. Brasidas contrapõe as pretensões espartanas, de livrar a Hélade⁴² do jugo ateniense, com a prática dos últimos, de submeter e explorar as demais cidades. Brasidas utilizava seu talento em retórica, identificado por Tucídides, para reforçar esta oposição e convencer os cidadãos a posicionarem-se ao lado dos lacedemônios. Na assembléia de Acantos, Brasidas teria explicado que:

Quanto a mim, não vim para fazer mal aos helenos, mas para libertá-los; recebi dos lacedemônios os juramentos mais solenes no sentido de que todos aqueles que eu convencer a se tornarem nosso aliados continuarão a ter as

⁴⁰ Idem, p. 225.

⁴¹ Idem, p. 226.

⁴² Tucídides refere-se ao fato de muitos povos considerarem Brasidas como o grande libertador da Hélade. Um exemplo disto é os cioneus, gratos pela “atitude resoluto” (Idem, p. 289) em não entregar a cidade ao inimigo. Relata Tucídides que “os cioneus se sentiram lisonjados (...) e todos, sem exceção, mesmo os que antes não aprovavam a atitude tomada pelos conspiradores, resolveram enfrentar a guerra com bravura, enquanto se desdobravam em atenções na recepção feita a Brasidas; chegaram ao ponto de recompensá-lo publicamente com uma coroa de ouro na qualidade de libertador da Hélade, e em caráter privado o distinguiram com guirlandas e oferendas como a um atleta vencedor”. Idem, p.288.

*suas próprias leis; não viemos para fazer de vós nossos aliados á força ou por fraude, mas ao contrário, para vos oferecer a nossa aliança, a vós que fostes escravizados pelos atenienses.(...) Não estamos tampouco lutando por um império; ao contrário, estamos ansiosos por impedir que outros continuem a impor o seu.*⁴³

Assim, Brasidas é, entre os espartanos, o grande merecedor de elogios, pois suas atitudes aproximam-no das virtudes culturalmente valorizadas pelos atenienses. Brasidas, em sua impetuosidade, talento na prática da oratória e moderação enquanto conselheiro lembra a figura de Péricles. Brasidas é o grande herói espartano na obra de Tucídides, que torna explícita sua admiração pelo general lacedemônio:

*Ele era um homem reputado em Esparta por sua energia em tudo o que fazia (...), mostrando-se justo e moderado em seu trato com as várias cidades.(....) Na parte final da guerra, (...), foram os méritos e o tato evidenciados por Brasidas nas circunstâncias presentes (...) os fatores que mais contribuíram para inspirar aos aliados dos atenienses um sentimento favorável aos lacedemônios. Com efeito, como ele foi o primeiro lacedemônio a ganhar fora de seu território a reputação de homem bom sob todos os aspectos, deixou atrás de si uma expectativa confiante no sentido de que os outros lacedemônios também seriam iguais a ele.*⁴⁴

Considerações Finais

A análise da obra de Tucídides permite a identificação de aproximações entre os elogios que o autor ateniense dedica aos dois personagens selecionados, apesar das origens diversas de ambos, sendo Péricles ateniense e Brasidas espartano. Para o autor, os atenienses seriam audaciosos, intrépidos e ousados, o que, na visão de Tucídides, seria algo vantajoso e elogiável, enquanto os espartanos se comportariam de forma hesitante, vacilante. Tucídides exalta as atitudes que demonstram destemor, associando-as à vitória. A presença de ousadia é, ao longo do relato, um motivo para a realização do elogio.

⁴³ Idem, p. 267-268.

⁴⁴ Idem, p. 264-265.

Péricles é sem dúvida o personagem mais elogiado por Tucídides e é possível antever em suas ações o elemento da audácia. Péricles é aquele que ousa propor uma nova compreensão de guerra e defende uma tática inovadora: o abandono das terras do campo e a proteção entre os muros da cidade, privilegiando a saída por mar. Em relação a Brasidas, o autor ateniense identifica o general espartano como alguém que se distancia de um espartano típico, que possui as qualidades valorizadas pelos atenienses, e, por esse motivo, expressa sua admiração. Brasidas é impetuoso em suas ações, demonstrando vigor e velocidade de decisão no momento de se embater com as tropas inimigas. Na narrativa de Tucídides, as ações ousadas de Brasidas são associadas, geralmente, ao sucesso da empreitada.

Outro ponto que Tucídides elogia em ambos, é a virtude da moderação e da previdência. Neste momento, não é mais a coragem aguerrida e cega de alguns heróis homéricos da *Ilíada* que prevalece, mas sim a astúcia presciente que é valorizada. Péricles é um grande estrategista, que consegue calcular de forma correta as forças das quais dispõem ambos os lados e de que forma estas podem ser utilizadas. O líder ateniense apresenta-se calmo, mesmo em situações de exacerbação das tensões bélicas e vale-se de argumentos racionais para demonstrar aos seus concidadãos a validade de suas idéias. Péricles é um excelente orador Tucídides reproduz seus discursos para ressaltar a forma como Péricles conseguia estimular ou apaziguar a multidão, de acordo com seus propósitos. Do mesmo modo, o autor refere-se a Brasidas como um bom orador, salientando a importância de seu tato e moderação na tratativa com as cidades, levando-as a se rebelarem contra os atenienses. Brasidas oferecia condições justas, era condescendente e conseguia persuadir os cidadãos a aliarem-se à Esparta sem a necessidade de guerra. Brasidas oferecia bons conselhos, conseguia antever o desenrolar de uma determinada ação. Todavia, nesta questão parece haver uma sutil diferença entre o elogio a Péricles e a Brasidas: enquanto em relação ao ateniense Tucídides se refere a uma visão mais ampla da guerra, ou seja, a percepção das potencialidades de Atenas e Esparta durante todo o conflito até seu desfecho. Sem olvidar a possibilidade de que houvesse imprevistos, a previdência de Brasidas restringir-se-ia mais à questão das batalhas em si, e não da guerra como um todo.

O elogio que Tucídides dedica a estes dois personagens é muito semelhante: ambos são moderados, ousados, prescientes, talentosos em relação à retórica. Ambos

são pessoas de reputação em suas cidades e possuem integridade moral, comprovada mesmo em uma situação limite como a guerra. Péricles preocupa-se em não receber privilégios frente a seus conterrâneos, fazendo questão de abandonar suas terras. Brasidas permite que os atenienses retirem-se das cidades tomadas, levando seus bens sem serem molestados. A ousadia, a moderação e o aprimoramento retórico são características associadas aos atenienses e Brasidas, um espartano atípico, é elogiado, exatamente, por revelar tais virtudes. Assim, a análise da obra de Tucídides permite perceber as características que estão sendo valorizadas neste momento, sendo que algumas, como bravura, ousadia, coragem, inflexibilidade, persistem da época homérica e outras, como moderação, previdência, vão cada vez mais ganhando destaque. Através das virtudes enumeradas, é possível perceber a compreensão do que é ser um ateniense e o que é ser espartano neste momento. Péricles é um ateniense exemplar, enquanto Brasidas diverge quanto às características atribuídas a um espartano. A construção da figura do espartano passa pela apresentação de características antagonistas às apresentadas por este general lacedemônio.